



BOM



LIVRO

BERNARDO GUIMARÃES

A escrava Isaura

ea
editora ática

A escrava Isaura





BERNARDO GUIMARÃES

A escrava Isaura

TEXTO INTEGRAL

Apresentação de

Maria Nazareth Soares Fonseca

ea
editora ática

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

A escrava Isaura

Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica Mário Ghio Júnior

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Paulo Nascimento Verano

Edição Fabiane Zorn

ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.)
e Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez

Capa Chasse (1956), de Arthur Luiz Piza | Acervo do MAM | Galeria
Raquel Arnaud | Romulo Fialdini

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.),
Barbara Molnar, Brenda Morais e Gabriela Lubascher Miragaia
(estagiárias), Ivany Picasso Batista

ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento
de imagem)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G976e
29. ed.

Guimarães, Bernardo, 1825-1884.

A escrava Isaura / Bernardo Guimarães. - 29. ed. - São Paulo :
Ática, 2015.

168 p. (Bom Livro)

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978 85 08 17204-7

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

15-24174

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Código da obra CL 736786

CAE 550145

2015

29ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 / atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Fada? Anjo? Deusa? Escrava. 7

I 15	XII 80
II 20	XIII 87
III 26	XIV 94
IV 32	XV 101
V 33	XVI 108
VI 39	XVII 114
VII 46	XVIII 118
VIII 54	XIX 124
IX 60	XX 130
X 66	XXI 137
XI 73	XXII 142

Vida & obra 149

Resumo biográfico 161

Obras do autor 163

Obra da capa 167

FADA? ANJO? DEUSA? ESCRAVA.

Maria Nazareth Soares Fonseca

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais, com especialização na Université Sorbonne Nouvelle, em Paris, na França. Hoje é professora adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Autora de diversos livros e artigos publicados no Brasil e no exterior.

Situando a história “nos primeiros anos do reinado de D. Pedro II” e tomando como assunto o drama de uma escrava branca, educada e bela, Bernardo Guimarães pretendeu mostrar ao público da época, 1875, os “abomináveis e hediondos” crimes da escravidão e o aviltamento do ser humano pela distinção de classe.

Embora trate do grave problema social, a escravidão negra no Brasil, o tema fundamental do romance é o amor, melhor dizendo, os sofrimentos do amor. Amor da infeliz escrava impedida de amar livremente a quem escolhesse; amor egoísta do seu senhor, incapaz de admitir que, sendo dono da escrava, não era, necessariamente, o dono do seu coração.

No primeiro capítulo o narrador se ocupa em apresentar-nos a heroína. Os versos da triste canção que a moça entoava, ao piano, reproduzem o seu sofrimento:

Desd’o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada
Em terra de maldição,
[...]

Os meus braços estão presos,
A ninguém posso abraçar,
Nem meus lábios, nem meus olhos
Não podem de amor falar;
[...]

Antes mesmo de apreciarmos a figura da escrava, somos levados a sentir o seu drama. Logo a seguir o narrador nos conduz até a sala de

recepção da luxuosa fazenda a que pertence Isaura. As linhas puras e suaves do perfil da escrava, a beleza dos seus cabelos que “despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos”, contrastam com a sua condição de cativa. São, como diz a escrava, “trastes de luxo colocados na senzala do africano”.

No capítulo II aparece Leôncio, o senhor de Isaura. A minuciosa descrição do seu passado visa a configurar o caráter do personagem: quando pequeno, “mau aluno e criança incorrigível, turbulento e insubordinado”; adolescente, sangra “desapiedadamente a bolsa paterna” com suas aventuras até que encontra no casamento com a linda e encantadora Malvina “um meio mais suave e natural de adquirir fortuna”. Leviano, devasso e insensível, Leôncio saíra ao pai, homem de “coração árido e frio” que, atraído pelos encantos da escrava Juliana, mãe de Isaura, e sendo por ela repellido, sujeitou-a a “tão rudes trabalhos e tão cruel tratamento” que a pobre morreu. Isaura repete, no presente, o drama de sua infeliz mãe.

No capítulo X aparece outro personagem importante para o enredo. Álvaro é o rico herdeiro de uma “distinta e opulenta” família, abolicionista exaltado e, como acentua o narrador, “tinha ódio a todos os privilégios e distinções sociais”. Conhece Isaura, agora Elvira para escapar às perseguições de Leôncio, e apaixonou-se por ela. Quando, tragicamente, Isaura é reconhecida no baile da mais fina sociedade recifense como a escrava fugida da fazenda do Sr. Leôncio Gomes da Fonseca, Álvaro não a abandona e jura livrá-la do seu vil senhor e do estigma do cativo.

Forma-se a tríade comum aos romances populares românticos: vilão, heroína, herói.

Sem escapar ao convencionalismo romântico e associando aos traços fisionômicos do personagem a sua conduta social, fácil será antever o final do romance. O bem sobrepondo-se ao mal conduzirá fatalmente a história ao fim que se espera: a união de Isaura e Álvaro. Está claro que o obstáculo maior a ser vencido pelo “herói” está no fato de Isaura ser escrava e legítima propriedade de Leôncio. Nem isso impede Álvaro de lutar. Parte para a corte à procura de Isaura, descobre a falência de Leôncio, compra-lhe todos os bens, inclusive os escravos, e desmascara o “vilão”. Nada mais o separa de Isaura, a quem oferece a mão de esposo, desafiando todos os preconceitos da sociedade escravocrata de então.

Dada a ausência de profundidade com que são tratados, os personagens do romance são planos, estáticos, permanecendo com as mesmas virtudes e defeitos ao longo de toda a narrativa. São “sempre iguais a si próprios e

jamais reservando surpresas ao leitor por suas características específicas, mas tão somente por sua ação”.¹

Isaura é, do princípio ao fim, a escrava submissa que sabe reconhecer o seu lugar. Suporta resignada e dócil a perseguição de Leôncio, as propostas de Henrique, as desconfianças de Malvina, sem se rebelar, sem jamais deixar de ser emocionalmente escrava, mesmo tendo sido educada como não o foram “muitas ricas e ilustres damas da sociedade”:

[...] procurava ser humilde como qualquer outra escrava, porque a despeito de sua rara beleza e dos dotes de seu espírito, os fumos da vaidade não lhe intumesciam o coração, nem turvavam-lhe a luz de seu natural bom senso.

Na senzala, em meio à escravaria, “sem se mostrar contrariada nem humilhada com a nova ocupação que lhe davam”, suporta passivamente as provocações da escrava Rosa, ferida com o desdém de Leôncio, que a preterira por Isaura.

No Recife, amada por Álvaro, tem escrúpulos de passar por branca livre, traíndo a confiança do seu amado:

— Como posso eu, sem cometer a mais vil deslealdade, aparecer apresentada por ele como uma senhora livre em uma sala de baile?...

E ainda, ao ser obrigada a se casar com o hediondo Belchior, resigna-se diante da imposição de seus senhores:

Já que assim o quer, sujeito-me humildemente ao meu destino.

Também nos demais personagens o retrato fisionômico corresponde quase que inteiramente à sua conduta social. Como já foi dito, os personagens não surpreendem o leitor em momento algum. Suas atitudes estão implícitas no retrato que o autor traça delas.

Quando afirma que Leôncio volta da Europa com “o cérebro vazio, com a alma corrompida e o coração estragado por hábitos de devassidão e libertinagem”, o narrador já nos insinua o seu comportamento com relação a Isaura e Malvina, sua esposa.

Ao descrever Álvaro, ressalta sua “alma original cheia de grandes e generosas aspirações”. Nobreza de caráter e coragem para lutar contra

1 MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. Edições Melhoramentos. p. 196.

os valores da sociedade a que pertence serão sempre a tônica do seu comportamento.

Nos personagens secundários o processo não se altera.

Miguel, pai de Isaura, é o feitor que foge ao conceito geral. Longe de ser “o mais detestado entre os escravos”, é o amparo da infeliz Juliana e o pai extremo de Isaura, por quem luta até o fim.

E no vil Martinho a identidade — traços fisionômicos/caráter — procura ser perfeita: cabeça grande, cara larga, feições grosseiras que revelam um espírito lerdo e acanhado. E “o que mais o caracteriza é certo espírito de cobiça e de sórdida ganância, que lhe transpira em todas as palavras, em todos os atos, e principalmente no fundo de seus olhos parados e pequeninos, onde reluz constantemente um raio de velhacaria”.

Símbolo da estupidez submissa é Belchior, “mostrengo afetando formas humanas, cabeludo como um urso e feio como um mono”.

E há ainda o Dr. Geraldo, amigo de Álvaro, advogado conceituado, espírito “prático e positivo como deve ser um consumado jurisconsulto, prestando o maior respeito às insinuações e mesmo a todos os preconceitos e caprichos da sociedade”. Procura equilibrar em Álvaro as concepções humanas, mas irreais, às vezes, em relação ao ambiente em que vivem.

Quando Álvaro, inconformado com a situação de Isaura, afirma ser a escravidão “uma indignidade, uma úlcera hedionda na face da nação, que a tolera e protege” e se dispõe a unir-se a Isaura, mesmo sabendo ser uma afronta à sociedade, Geraldo lhe responde com lucidez:

— És rico, Álvaro, e a riqueza te dá bastante independência, para poderes satisfazer os teus sonhos filantrópicos e os caprichos de tua imaginação romanesca.

Verdade que, consideremos, não se restringe apenas à sociedade escravocrata do século XIX.

As concessões feitas aos preconceitos da sociedade da época não invalidam a posição antiescravagista do autor.

Fica claro no romance que Isaura é escrava apenas quanto ao seu comportamento submisso e indisposto a lutas e reivindicações. Fisicamente em nada difere das damas da sociedade da época. Mas é escrava e tem de viver como os de sua classe: objeto útil nas mãos dos seus senhores.

A sociedade brasileira que, no século XIX, tanto se condeou das desventuras de Isaura aceitou-a porque ela era branca e educada. Sendo

branca e nada havendo nela que “denunciasse a abjeção do escravo” pôde demonstrar com seu sofrimento o quanto “é vã e ridícula toda a distinção que provém do nascimento e da riqueza”.



A escrava Isaura

Era nos primeiros anos do reinado do Sr. D. Pedro II.

No fértil e opulento município de Campos de Goitacases, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda.

Era um edifício de harmoniosas proporções, vasto e luxuoso, situado em aprazível vargado ao sopé de elevadas colinas cobertas de mata em parte devastada pelo machado do lavrador. Longe em derredor a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza; mas por perto, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em jardins e pomares deleitosos, em gramais e pingues pastagens, sombreadas aqui e acolá por gameleiras gigantescas, perobas, cedros e copaíbas, que atestavam o vigor da antiga floresta. Quase não se via aí muro, cerca, nem valado; jardim, horta, pomar, pastagens, e plantios circunvizinhos eram divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, piteiras, espinheiros e gravatás, que davam ao todo o aspecto do mais aprazível e delicioso vergel.

A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela por um lindo alpendre todo enredado de flores trepadeiras, ao qual subia-se por uma escada de cantaria de seis a sete degraus. Os fundos eram ocupados por outros edifícios acessórios, senzalas, pátios, currais e celeiros, por trás dos quais se estendia o jardim, a horta, e um imenso pomar, que ia perder-se na barranca do grande rio.

Era por uma linda e calmosa tarde de outubro. O Sol não era ainda posto, e parecia boiar no horizonte suspenso sobre rolos de espuma de cores cambiantes orlados de fêveras de ouro. A viração saturada de balsâmicos eflúvios se espreguiçava ao longo das ribanceiras acordando apenas

frouxos rumores pela copa dos arvoredos, e fazendo farfalhar de leve o tope dos coqueiros, que miravam-se garbosos nas lúcidas e tranquilas águas da ribeira.

Corria um belo tempo; a vegetação reanimada por moderadas chuvas ostentava-se fresca, viçosa e luxuriante; a água do rio ainda não turvada pelas grandes enchentes, rolando com majestosa lentidão, refletia em toda a pureza os esplêndidos coloridos do horizonte, e o nítido verdor das selvas ribanceiras. As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar pelos pomares, prados e balsedos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos.

O clarão do Sol poente por tal sorte abraseava as vidraças do edifício, que esse parecia estar sendo devorado pelas chamas de um incêndio interior. Entretanto, quer no interior, quer em derredor, reinava fundo silêncio, e perfeita tranquilidade. Bois truculentos, e nédias novilhas deitadas pelo gramal, ruminavam tranquilamente à sombra de altos troncos. As aves domésticas grazinavam em torno da casa, balavam as ovelhas, e mugiam algumas vacas, que vinham por si mesmas procurando os currais; mas não se ouvia, nem se divisava voz nem figura humana. Parecia que ali não se achava morador algum. Somente as vidraças de um grande salão da frente e os batentes da porta da entrada, abertos de par em par, denunciavam que nem todos os habitantes daquela suntuosa propriedade se achavam ausentes.

A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco, que se pode imaginar.

Posto que um tanto abafado, o canto tinha uma vibração sonora, ampla e volumosa, que revelava excelente e vigorosa organização vocal. O tom velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de uma alma solitária e sofredora.

Era essa a única voz que quebrava o silêncio da vasta e tranquila vivenda. Por fora tudo parecia escutá-la em místico e profundo recolhimento.

As coplas¹, que cantava, diziam assim:

Desd' o berço respirando
Os ares da escravidão,

1 **copla:** termo peninsular que designava “estrofe de arte menor”, ou seja, uma estrofe com versos de sete ou menos sílabas. Passou mais tarde a designar, no plural, as composições de caráter popular. (N.E.)